



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS (CCHA)
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES (DLH)
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**OS “ECOS” DO DESTINO NA TRAGÉDIA “ÉDIPO – REI” DE SÓFOCLES:
REFLEXÕES CULTURAIS E PSICANALÍTICAS**

ANA CAROLINE SOARES PEREIRA

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2018

ANA CAROLINE SOARES PEREIRA

**OS “ECOS” DO DESTINO NA TRAGÉDIA “ÉDIPO – REI” DE SÓFOCLES:
REFLEXÕES CULTURAIS E PSICANALÍTICAS**

Trabalho de Conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidade da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Fábio Pereira Figueiredo

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P426e Pereira, Ana Caroline Soares.
Os "Ecos" do destino na tragédia "Édipo – Rei" de Sófocles: reflexões culturais e psicanalíticas. [manuscrito] / Ana Caroline Soares Pereira. - 2018.
30 p.

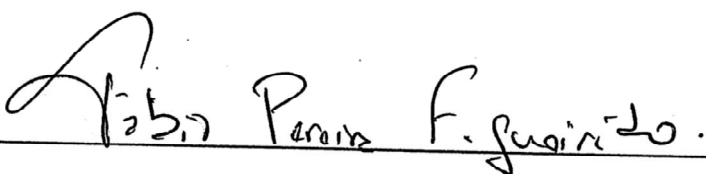
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Destino. 2. Tragédia. 3. Cultura Ocidental. 4. Literatura Clássica.

21. ed. CDD 869.14

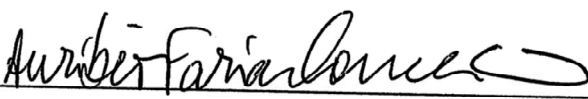
ANA CAROLINE SOARES PEREIRA

**OS "ECOS" DO DESTINO NA TRAGÉDIA "ÉDIPO – REI" DE SÓFOCLES:
REFLEXÕES CULTURAIS E PSICANALÍTICAS**



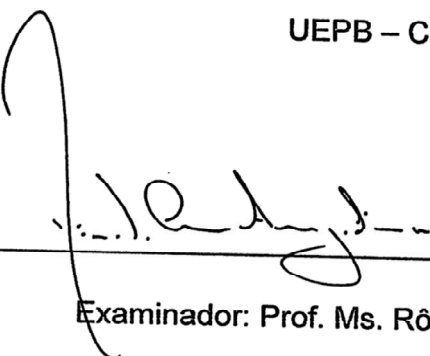
Orientador: Prof. Ms. Fábio Pereira Figueiredo

UEPB – CCHA/DLH



Examinador: Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição

UEPB – CCHA/DLH



Examinador: Prof. Ms. Rômulo César Araújo Lima

UEPB – CCHA/DLH

Aprovado em 12 de Junho de 2018.

Dedico este trabalho com todo amor e gratidão a meus pais **Maria Lusinete** e **Flávio César** que tanto sonharam, trabalharam e me educaram para a realização dessa grande conquista e a minha querida prima **Hellen Soares** (*In memóriam*), que durante a vida nos trouxe tanta alegria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me abençoar a tornar esse sonho realidade, pelos momentos de dificuldade em que o teu incondicional amor me preencheu de segurança e força para me incentivar a continuar, dando ânimo e plantando esperança em meu coração, não me deixando desistir ao mostrar que podemos alcançar os lugares impossíveis.

Aos meus pais **Maria Lusinete** e **Flávio César** que revestiram minha existência de amor, carinho e dedicação e que estiveram comigo a todo momento iluminando e me dando forças durante todos os caminhos e fases de minha vida. Como também, aos meus familiares queridos, em especial: **Heloísa, Ana Flávia** e **Millena**, que me incentivaram e estiveram ao meu lado, e aos que já foram por Deus escolhidos para fazer morada junto a ti com seu amor que jamais se apagará de meu coração.

Ao meu amado **Hykro Bruno** por toda paciência e compreensão. Pelas inúmeras vezes que seu amor me enxergou e me mostrou que eu sou capaz, me incentivando e dando forças para seguir em frente. Além deste trabalho, dedico todo meu amor por você.

Ao meu querido orientador **Profº. Fábio Pereira Figueiredo** por toda dedicação, paciência, compromisso e pelas sábias orientações que foram imprescindíveis para a realização deste artigo.

Aos meus amigos e colegas de curso por todos os momentos inesquecíveis que tivemos juntos nessa jornada, em especial: **Ailaneide, Alice, Alex, Janine, Josicarla, Ramires e Wesley**. A amizade que levarei na minha mente, no meu coração e em muitas fotos.

A todos os professores e funcionários dessa instituição (UEPB) que nos convidaram a voar caminhos do conhecimento, que nos ensinaram e ampararam neste vôo, contribuindo para que tornássemos mediadores do conhecimento.

Expresso meus agradecimentos aos meus amigos, pela amizade, incentivo e torcida, em especial: **Andressa, Rusthania, Lamoniely, Luana, Williane e Aldemir**.

Obrigada!

“Assim falou a águia, ao perceber as penas na flecha que a perfurava: Então somos abatidos por nossas próprias asas”.(Ésquilo)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 O CONCEITO DE “DESTINO”: UM TRAÇO DISTINTIVO DA CULTURA GREGA E SEUS REFLEXOS NO OCIDENTE	10
1.1 ECOS NA ATUALIDADE	13
2 A TRAGÉDIA NO MUNDO GREGO: REPERCUSSÕES DO “DESTINO” EM FORMA DE ARTE	16
2.1 SÓFOCLES: VIDA E OBRA DE UM DRAMATURGO GREGO	18
3 ÉDIPO – REI: ANÁLISE DOS FRAGMENTOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

RESUMO

No presente trabalho abordaremos a questão do destino na cultura ocidental levando em consideração a importância da tragédia “Édipo – Rei” de Sófocles, como peça basilar nessa estrutura. Todos sabemos que a discussão teórica acerca da questão em pauta perpassa diversos saberes tais como: a filosofia, a antropologia, a literatura, a psicologia, etc. Esse debate se estabelece através do tempo como um dos mais profícuos da nossa cultura, no entanto, escolhemos algumas ferramentas para a nossa investigação que privilegiam a esfera cultural e psicanalítica como vetores da nossa leitura. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico: Freud (2001), Vernant (2002), Commelin (2012), Knox (2002), Borges (2011) dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Destino. Tragédia. Cultura ocidental.

ABSTRACT

At these work we study the question of destiny at the ocidental culture using the consideration about these theme at the ocidental culture considering the importance of tragedy king Édipo of Sófocles, how basilar drama at these structure, All the people knows that theoretical discussion about these question perpass many sciences, how: philosophy, anthropology, literature and phisicology, etc. These debate through the time how one more rich of our time and culture, whatever, we choose some methods for our investigation that privilege cultural and phisicanalytical spheres for these lecture. We use this theoretical aport: Freud (2001), Vernant (2002), Commelin (2012), Knox (2002), Borges (2011) among others.

KEY –WORDS: Destiny. Tragedy.Ocidental Culture.

INTRODUÇÃO

No universo literário, assim como na vida, nos questionamos a respeito da força do Destino em nossa vivência. Ele que é compreendido como uma força sobrenatural que age sobre os indivíduos e as circunstâncias que enfrentamos ao longo da vida, sendo um processo inevitável de acontecimentos, na qual se supõe que nada acontece por acaso e que tudo possui uma causa já predestinada. Porém, seu conceito se diversifica em acepções diferentes, como por exemplo, da cultura grega para os dias atuais.

Muitos teóricos trabalharam esse conceito através de tragédias gregas, na qual esta temática estava envolvida. Assim, para ressaltar esse questionamento, era preciso uma peça que expressasse a complexidade desse tema, na qual se propõe a analisar essa questão na tragédia *Édipo – Rei*, escrita por Sófocles, mostrando a angústia do protagonista frente a um Destino que parece se esvair de suas mãos.

Nessa perspectiva, a motivação para a produção do trabalho foi com base no interesse na Literatura Clássica Grega e sua influência no mundo atual, na qual a ideia de trabalhar a questão do “Destino” surgiu de uma indagação acerca do seu conceito e como ele age na obra de Sófocles *Édipo - Rei*, em que meu interesse se deu a partir de leituras e discussões sobre tragédias gregas e suas representações sociais, durante o meu curso.

Foram estes motivos que me impulsionaram a trabalhar com a Literatura Clássica Grega, em que infelizmente cada vez menos pessoas estudam os clássicos no ensino médio ou na universidade, na qual menos sujeitos compreendem a influência e os significados das referências clássicas da literatura e na nossa vida.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo analisar a concepção grega de “Destino” presente na obra *Édipo-Rei*, realçando os traços distintivos do personagem, como também identificar a questão do “Destino”, como um fenômeno cultural grego, fato este, que permeia basicamente quase todos os textos trágicos gregos, e sua inserção na cultura ocidental, compreendendo seu conceito e como ele se modifica através dos tempos. Como por exemplo, apresentado por Commelin (1993, p. 06 - 07):

Na mitologia dos antigos gregos, o Destino era uma divindade cega, inexorável e oriunda da noite e do caos. Todas as outras divindades lhe eram submetidas. Os céus, a terra, o mar e os infernos estavam sob seu império; nada era capaz de mudar o que havia sido decidido; numa palavra, o Destino era ele próprio essa fatalidade, segundo a qual tudo acontecia no mundo. O mais poderoso dos deuses Júpiter (Zeus), não pode dobrar o Destino, nem a favor dos outros deuses e nem a favor dos homens.

Dessa forma, temos o propósito de suscitar a problemática existente com base nos questionamentos: Como o conceito de “Destino” se modificou através dos tempos, advindo da cultura grega para a atualidade? E como ele é apresentado como um traço distintivo na tragédia grega *Édipo-Rei*?

O artigo encontra-se subdividido em três partes principais: No primeiro capítulo será introduzido o conceito de “Destino”, como ele se difundiu nas mais diversas culturas e crenças do mundo ocidental e como esse traço da cultura grega reflete na atualidade.

Na parte seguinte, é discorrido sobre a importância das tragédias gregas na cultura ocidental, na qual vemos que nossa cultura é repleta de referências a história e literatura da Grécia antiga.

E no último momento é apresentada a análise dos fragmentos da peça *Édipo-Rei*, a partir de trechos significativos da obra, utilizando aporte teórico sobre a formação desse personagem e sua concepção grega de “Destino”.

A referida pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, tendo em vista que a mesma será desenvolvida analisando conceitos que de acordo com Marconi e Lakatos (2002) pode ser conceituada como etapa inicial de um trabalho científico. É um levantamento de todo aparato teórico divulgado a respeito do tema escolhido para o estudo, que vai dos livros, pesquisas, artigos, entre outros, com a finalidade de dar uma direção concreta e positiva a análise da pesquisa.

E para isto, utilizamos como respaldo teórico o estudo de autores como: Freud (2001), Vernant (2002), Commelin (2012), Knox (2002), Hauser (1998), Borges (2011) dentre outros.

1 O CONCEITO DE “DESTINO”: UM TRAÇO DISTINTIVO DA CULTURA GREGA E SEUS REFLEXOS NO OCIDENTE.

Em relação ao destino, cada cultura, religião e/ou corrente filosófica vai apresentar conceitos em que se percebem diferenças como também semelhanças entre elas. De início, faz - se importante fazer algumas definições acerca do vocábulo destino, na qual trata - se de significações mais modernas e populares desse termo, através de verbetes dos dicionários do pensamento atual, porém não inclui toda a complexidade de um tema como esse. Como podemos ver nos dicionários de Aurélio (2001, p.217) e Rocha (2004, p.207):

Destino: *sm.* 1. Sucessão de fatos que podem ou não ocorrer, e que constituem a vida do homem, considerados como resultantes de causas independentes de sua vontade; sorte, fado, fortuna. 2. O futuro. 3. Aplicação, emprego. 4. Lugar aonde se dirige alguém ou algo; direção.

Destino: *sm.* 1. Sucessão de fatos, supostamente fatais. 2. Fatalidade. 3. Sorte, sina. 4. Vida.

Em face disto, Knox (2002) ressalta que esse vocábulo utilizado atualmente em português para designar o termo destino não dá conta da multiplicidade de interpretações, principalmente aos que os gregos atribuíam à orientação divina e sua interferência na vida humana.

No antigo mundo grego, a visão mitológica compreendia o destino a partir da imagem das Moiras. Elas eram filhas de Moros, o deus do destino, da sorte, como também da morte. Sua personificação era uma entidade cega, devido isso, seu caráter é definido pela inevitabilidade, onde tudo e todos estavam submetidos ao seu poder. As Moiras que são três irmãs fiandeiras definiam os destinos, tanto dos deuses como dos seres humanos. Elas eram responsáveis por produzir, tecer e cortar o que seria a representação do fio de vida. O trabalho era realizado através da Roda da Fortuna, que se tratava de um tear, na qual posicionavam os fios e de acordo com as voltas dadas na roda, que iria para o topo com uma vida de sorte e

ao fundo com os fracassos e azar. Elas representam os três modos para o ser humano: a que tece o fio da vida, a que dá a partilha e a que tira a vida.

No trecho do poema épico *Ilíada* de Homero (2003, p.209), no canto XXIV, pode - se ver a manifestação sobre essa personificação das Moiras, onde por ocasião da morte de Heitor, Hécuba intercede junto ao marido, para que este não atenda ao seu impulso de ir aos argivos para suplicar o corpo de seu filho Heitor. “Lastimemos o filho querido em nossa casa, que a moira terrível, ao seu nascimento, lhe fiou destino cruel [...]”.

Nesse sentido, a moira deve ser pensada não somente como uma série definida de fatos, mas como “quinhão merecido”. No qual, cada ser humano pesa um destino inexorável, personificado e inevitável que carrega todas as coisas para seu fim.

Os antigos gregos acreditavam que suas vidas eram guiadas pelo destino, como também as dos deuses, que poderiam trazer coisas boas ou más para suas vidas. Para saber sobre seus destinos, eles recorriam aos sacerdotes, adivinhos e oráculos, que possuíam a obrigação de prever o futuro. Em vinculação a isso, Commelin (1993, p.07) nos ressalta que:

[...] as leis do destino estavam escritas desde toda a eternidade num lugar em que todos os deuses podiam consultá-las. Suas ministras eram as Moiras. Elas eram encarregadas de executar suas ordens. [...] para os homens só os oráculos podiam entrever e revelar o que estava escrito no livro do destino.

Com o surgimento da época clássica grega, o povo era profundamente espiritualizado e com uma grande tradição oral. Com o surgimento da polis, as pessoas começaram a participar da vida política e cultural das cidades, acarretando o afastamento cada vez mais dos elos que os uniam a essa tradição mitológica. Neste sentido, o nascimento da polis e da democracia vai emprestar aos gregos um tipo de segunda vida, que se eleva ao domínio do meio pessoal e privado, na qual se exerceu de modo sólido e absoluto em Atenas, que por quase duzentos anos foi a mais próspera, poderosa e produtiva culturalmente entre todas as polis. Como

também, conseguiu instituir tão bem para que o compromisso entre liberdade e poder, pudesse evoluir.

Ainda conforme esse período que corresponde à democracia ateniense, com o surgimento do direito e da filosofia alterou - se no decorrer do tempo o pensamento dos homens gregos. Com a chegada da filosofia, os sujeitos passaram a ser o centro das discussões, onde trouxe à tona a questão da racionalidade. Eles surgiram contra a necessidade de obedecerem a um destino certo e inexorável, pois o espírito humano dos gregos estava em constante divergência, e se recusaram a aceitar esse tipo de destino imposto pela cultura dos mitos.

O pensamento mítico foi desaparecendo, abrindo espaço para um pensamento mais racional, porém, a razão grega é bem diferente da qual consideramos na atualidade, pois, para eles a razão estava ligada ao contexto histórico que se encontravam. Em relação a essa racionalização, Vernant (2002; p.41) nos diz que:

A razão grega apareceu-me assim como solidária de toda uma espécie de transformações sociais e mentais ligadas ao advento da polis. Ela surgiu em um contexto em que podiam se desenvolver a retórica, a sofística [...] uma razão imanente à linguagem, à troca verbal, e que visa agir sobre os homens, a convencê-los ou persuadí-los mais do que transformar a natureza.

Ainda assim, a liberdade do homem grego era limitada pela crença do destino. Como salienta Sampaio (2006, p.80):

Assentamos que o homem grego tinha plena liberdade dentro de certos limites, o homem era constituidor do seu próprio destino, isto é, era a própria causa de ser o que era, mas no caso ousasse ultrapassá-los, essa desmedida seria considerada um a *harmatia* (erro) ou uma *hybris* (violência feita a si mesmo e aos deuses).

Pode-se refletir que os gregos aceitavam a correlação da liberdade, do livre arbítrio como uma força que ordenava todas as coisas, aproximando-se assim do

pensamento cristão sobre a responsabilidade mediante as escolhas, visando que os conceitos de destino, racionalidade, liberdade e livre arbítrio se diversificaram diante de tantos séculos de existência.

1.1 ECOS NA ATUALIDADE

A civilização grega foi uma das mais importantes e avançadas. E assim como outras grandes civilizações antigas, sofreu o inevitável declínio com o passar dos séculos, porém suas influências perduraram no pensamento ocidental. Conforme isso, Borges (2011, p.01) nos diz que:

A herança cultural deixada pelos gregos fora riquíssima e influenciara toda a civilização ocidental. [...] suas produções filosóficas, científicas e teatrais foram fecundas e delinearão o pensamento universal até a Idade Moderna.

É possível notarmos que essa influência grega na sociedade é grandiosa, em que o período renascentista trouxe de volta o lado cultural e artístico grego. Muitas de suas criações foram inseridas e modificadas pela civilização ocidental, como por exemplo, na arte, na religião, na filosofia, nos monumentos entre outros.

No campo religioso, a religião dos gregos era mitologia grega, uma religião politeísta que acreditava no destino sendo uma divindade representada pelas Moiras, na qual exerciam suas ações sobre os seres, os conduzindo para seu destino imutável. Porém, esse aspecto se perdeu no decorrer dos séculos e apesar de toda a importância sobre o mundo antigo,

Nas religiões monoteístas (como o cristianismo), a ideia de destino não possuiu a força e presença que se encontrava no mundo grego. No pensamento cristão a percepção que existe acerca do destino é a determinada por Deus que traça um plano a respeito de cada um dos seres humanos, porém, criou os homens livres e responsáveis por suas escolhas e atos e não acreditam em destino no sentido de fatalidade ou estar presos a acontecimentos inevitáveis em sua vida. Podemos observar sobre essa liberdade no livro do Catecismo da igreja católica (CIC, 2000, p. 295) que ressalta:

[...] o pensamento cristão nega que o mundo e os acontecimentos da vida sejam produto de uma força obscura – ora benéfica, ora maléfica – que se impõe sobre os seres humanos. Para os cristãos, Deus criou o mundo segundo sua bondade e sabedoria; e quis fazer as criaturas, de acordo com suas capacidades de seu ser e de sua bondade.

Assim, é destacado o livre-arbítrio como a chave para a responsabilidade moral de cada um, sendo o homem responsável por suas atitudes, porém, deverá responder diante da sociedade e diante de Deus por tais atos.

O pensamento filosófico é compreendido como uma das mais importantes contribuições oferecidas pela civilização grega. O renomado interesse pela sabedoria é considerado como um elemento que instruiu na construção de diferentes aspectos dessa sociedade, como por exemplo, a constituição do regime democrático. Os filósofos gregos tinham interesse pela natureza, pelos problemas sociais e políticos, como também pelo sentido da vida e acerca do conceito de destino. Desta forma Borges (2011, p.01) nos diz que:

[...] buscavam respostas as questões mais diversas, com espírito crítico destruíram crenças, mitos e construíram teorias. Suas linhas de pensamento influenciaram correntes filosóficas dos séculos seguintes.

O tema destino é discutido por diversas correntes filosóficas, e um dos fortes motivos para esse interesse é a busca por sentido em tudo que observamos e vivemos. Em diversos pontos de vistas, é abordado sobre a relação do destino e a liberdade humana. Muitos não acreditam no livre – arbítrio, e sob suas percepções, a vida está em constante mudança e aquilo que não se conseguiu no presente, não significa que será sempre assim no futuro, pois ele é tão inalterável quanto o passado. Defendem também que tudo o que vivemos e o que vemos ao nosso redor poderá ser fruto do acaso, e crer no destino é uma forma de “fugir” da responsabilidade de tomar suas próprias decisões. Em comparação a isso, Sampaio (2006, p.92) nos diz que:

Ou somos obras divinas ou do acaso. Se admitirmos a existência de Deus, automaticamente tornamos suas obras, logo, possuímos um criador e, enquanto criatura nossas características foram-nos concedidas [...] é o nosso destino. Mas ainda podemos supor a inexistência de Deus, nesse caso, a liberdade e os limites também

estariam sujeitos as mesmas condições, com a diferença de que, ao invés de sermos obras divinas, seríamos obras do acaso, portanto controlados por um destino cego.

No que se concerne ao campo das artes, o teatro foi uma das maiores realizações dos gregos e outro grande legado da civilização grega que existe na atualidade. Segundo Borges (2011, p. 03):

O teatro grego, basicamente dividido em tragédia (dramaturgia) e comédia, era acessível a toda a população, sendo, pois, de grande importância para a educação dos jovens. Sua estrutura dramática, seus temas profundos, abordando a natureza humana, são tidos até hoje como o ponto alto da arte teatral.

Em relação a esses temas profundos, muitos teatrólogos trabalharam nas tragédias o conceito de destino e heróis que eram livres para atuarem dentro do que o seu destino lhe permitisse, e tentar fugir dele era inútil, ou acelerador para seu cumprimento, como acontece na obra *Édipo-Rei* de Sófocles, que no mundo moderno ganhou fama na nova interpretação feita por Sigmund Freud.

Dessa maneira, ao contrário do que pensavam os gregos, atualmente cada ser humano possui sua percepção sobre a existência ou não de um destino na sua vida. Sabemos que o destino existe como direção, meta ou ponto de chegada para onde nos dirigimos. E ao se pensar no termo destino como resultado de causas independentes de nossa vontade seria dizer que o homem é dono de seu próprio destino, assim cabendo somente a ele sobre as responsabilidades sobre seus erros e acertos, sucessos e fracassos, como explica Vernant (2002, p.176):

[...] Em todos os campos das coisas humanas, é responsabilidade de cada um empreender e perseverar para obter seu sucesso ou fracasso.

Portanto, a questão do destino vai depender da visão de cada ser humano sobre as leis do universo, para acreditar se é livre para traçar seu caminho, apenas vítimas do acaso, fatos que são frutos da coincidência ou obra de divindades (sobrenaturais).

2 A TRAGÉDIA NO MUNDO GREGO: REPERCUSSÕES DO “DESTINO” EM FORMA DE ARTE.

A “tragédia” surgiu no processo de transição da Grécia arcaica para a *polis* clássica, entre o final do século VI a V a.C., e seu termo provavelmente derivou-se de “*tragoidia*”, uma palavra formada por duas outras: “*trágos*”, que se traduz por “bode” e “*ōide*”, que quer dizer “canto”, assim, etimologicamente, tragédia significa “canto do bode”. Dentre esses cantos e danças em homenagens ritualísticas ao deus Dionísio, ocorriam nas chamadas celebrações dionisíacas, destacava-se o Ditirambo, que era formado por homens que entoavam cantos, que geralmente se referiam à saga de um herói. O canto de ditirambos era uma forma de expressão que misturava a êxtase de danças frenéticas, fazendo referências a animais e abrangia todo um ritual próprio do deus Dionísio. Sobre isso Hauser (1998, p. 86) postula:

A tragédia origina-se no ditirambo, uma forma de arte não – dramática, e tudo leva a crer que tenha derivado sua forma teatral – envolvendo a transformação dos atores em personagens fictícios [...]. Na tragédia, o elemento dramático mantinham-se sempre subordinado, por certo, ao elemento lírico e didático [...] a tragédia não se preocupava exclusivamente com obter efeito dramático, mas pretendia servir outros fins, além dos de mero entretenimento.

Foi a partir desses cantos em coro que se acabou definindo como trágico e dele resultou a tragédia grega: representação viva feita por atores que narrava os fatos acontecidos no plano mítico e que, problematizando a situação do herói, discutia os valores fundamentais da existência humana. Com base nisso, Nietzsche (2007, p. 57 – 58) ressalta:

[...] devemos compreender a tragédia grega como sendo o coro dionisíaco a descarregar-se sempre de novo em um mundo de imagens apolíneo. Aquelas partes corais com que a tragédia está entrançada são, e, certa medida, o seio materno de todo assim chamado diálogo, quer dizer, do mundo cênico inteiro, do verdadeiro drama. [...] o coro é, pois, literalmente, a mais alta expressão da *natureza* e profere como esta, em seu entusiasmo, sentenças de oráculo e de sabedoria; como *compadecente* ele é ao mesmo tempo o *sábio* que, do coração do mundo, enuncia a verdade.

O canto de ditirambos sofreu várias mudanças. Ao longo de seu desenvolvimento, foi-se incorporando outros mitos, o que provocou a evolução dessa forma artística, fazendo surgir um tipo de arte mais dramática. Em um primeiro momento, o que se tinha era um ritual que envolvia danças e a recitação de lendas heróicas; porém esse ritual foi tomando corpo teatral, e a utilização do mito veio a favorecer o nascimento da tragédia.

O primeiro conceito de tragédia da qual se tem conhecimento foi formulada no século IV a.C. por Aristóteles e encontra-se no sexto capítulo de sua Poética. Segundo o filósofo:

É a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narrando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções. [...] é a imitação, não de pessoas, mas de uma ação, da vida, da felicidade, da desventura [...]. (ARISTOTELES, 1997, p.24)

Portanto, um dos elementos mais importantes da tragédia seria de certo modo a combinação dessas ações, já que a tragédia seria uma imitação não só dos homens, mas das ações e da vida. Os gregos inventaram nesse momento a ideia de teatro, da mesma forma que inventaram várias outras instituições sociais e culturais das quais se apoderou tempos depois o ocidente. Ele foi uma das maiores realizações dessa cultura, dividindo-se em tragédia e comédia, eram construídos ao ar livre, aproveitando-se as colinas de pedra.

Com o rápido crescimento da produção teatral e do interesse que despertava, ele foi o responsável por introduzir nas manifestações populares e urbanas conhecidas como as grandes festivais Dionísicos, o concurso de tragédias, na qual as peças eram representadas sendo bastante concorridas. Tratava-se de um evento instituído oficialmente pelo tirano ateniense Pisístrato e que contava com o patrocínio do Estado. Visando que estas representações teatrais em uma das festas mais populares tinham um forte caráter político, pois, era o apoio popular que estava em jogo. A própria cidade, *pólis*, incumbia-se dos preparativos para a sua realização.

Os concursos teatrais davam grande projeção aos tragédiógrafos, porém, as condições do festival determinavam limites definidos aos artistas em relação à

utilização dos atores e coro, da escolha do tema e das peças, como também da linguagem. Baseado nesses conceitos, Hauser (1998, p. 86 - 87) ressalta que:

No festival de teatro, a *polis* possui seu mais valioso instrumento de propaganda, e certamente não pensaria em permitir que um poeta fizesse o que eu bem lhe aprovesse. De fato, os trágicos são bolsistas do Estado e fornecedores do Estado: é o Estado que lhes paga pelas peças levadas à cena, mas, naturalmente, não permite a encenação daquelas que são contrárias à sua política ou aos interesses das classes dominantes. Assim, as tragédias são francamente tendenciosas e não fingem ser outra coisa. Tratam questões da política corrente e giram em torno de problemas que tem todos relação direta ou indireta com as questões mais candentes do momento [...].

Dentre os maiores tragediógrafos gregos mais conhecidos, podemos citar Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, que nos deixaram cerca de trinta e duas peças, tratando-se de uma parte diminuta de sua produção não havendo resquícios das demais. As tragédias permitiam à cidade a refletir sobre os conflitos, sobre os medos, sobre o que lhe era estranho, sobre o que devia exaltar e sobre o que devia rejeitar. Ela discutia os riscos que a discórdia entre os cidadãos causava para a cidade; discutia também a base moral das ações humanas. O espetáculo dramático de Atenas se integrava na vida da cidade e se constituía como a forma de arte mais característica da cidade. Sendo assim, a tragédia deve ser entendida como uma forma de arte dirigida para uma sociedade que ainda tinha fortes resquícios dos conceitos arcaicos, mas colocava esses conceitos em segundo plano, foi onde os tragediógrafos compreenderam a necessidade de mostrar aquela sociedade que estava mudando. Assim, o teatro alcançou lugar de destaque em Atenas, tanto que, de um espetáculo festivo e desordenado que cultuava um deus vinculado com a embriaguez - passou a compor o calendário religioso da Grécia.

2.1 SÓFOCLES: VIDA E OBRA DE UM DRAMATURGO GREGO.

Sófocles (século V a.C), tragediógrafo escolhido para esta análise, nasceu em Colono e trouxe consigo a tradição de uma época em que Atenas estava no seu apogeu. Ele presenciou todo o conflito da *polis* grega e também seu auge. Presenciou as diversas transformações e participou da política democrática na sociedade grega. Escreveu cerca de cento e vinte e três peças, porém apenas sete

sobreviveram em uma forma completa. Em suas produções teatrais, Sófocles buscou discutir personagens trágicas, marcadas pelos conflitos que a vida os ocasiona como também relatar sobre suas consequências, seja pelo excesso de paixão ou pelo acontecimento accidental, que seria o destino. Segundo Jaeger (1995, p.329):

O que em Sófocles é trágico é a impossibilidade de evitar a dor. É esse o rosto inevitável do destino, do ponto de vista humano. Não é que seja abandonada a concepção religiosa do mundo [...] de modo nenhum. Simplesmente já não é nela que se coloca a ênfase.

Suas tragédias não deixam de expressar as contradições vividas pelos cidadãos gregos, suas angustias perante o comportamento humano, porém sem perder o aspecto artístico. Em sua grande parte, as peças apresentam personagens que lutam contra as predestinações divinas e seus heróis eram fontes de inspiração para mostrar o homem que se necessitava formar para viver na *polis*, servindo também como modelo ao público teatral. Além de encenar pessoas mais próximas da realidade da *polis*, suas tragédias não deixam totalmente de lado o sentido religioso, porém este não parece ser o objetivo das suas obras eliminar as noções religiosas do mundo grego, muito menos incitar os espectadores contra os deuses; o que se tem é um drama menos voltado para as concepções míticas e mais aprofundada nos problemas do cotidiano dos homens.

Não só o drama de Sófocles, porém o teatro como um todo, propunha entre os seus objetivos mostrar aos gregos o novo ideal de homem. Os tragediógrafos, bem como o teatro em suas várias expressões, lançavam mão de conceitos dramáticos que pudessem atingir o público, fazendo com que refletissem sobre a sociedade. Assim, a personagem heróica, geralmente, se apresentava com características que misturava o medo e a coragem, colocando-se como atributos que comovessem ao público. Jaeger (1995, p. 332) afirma:

O drama de Sófocles é o drama dos movimentos da alma, cujo ritmo interior se processa na ordenação harmônica da ação. A sua fonte está na figura humana, à qual volta continuamente como ao seu último e mais alto fim. Para Sófocles, toda a ação dramática é apenas o desenvolvimento essencial do homem sofredor. É assim que ele cumpre o seu destino e realiza a si próprio.

Édipo-Rei é o título da peça trágica mais celebre de Sófocles, que narra o mito de Édipo, cujo destino informado pelo oráculo, era matar seu pai e desposasse com sua mãe. A história se passa na cidade Tebas, na qual Édipo carregava esse triste destino, onde dessa ação incestuosa geraria uma prole maldita. Ao descobrir tamanho infortúnio, ele tenta escapar, assim como fizeram seus pais biológicos ao serem informados pelos adivinhos que o filho traria tamanha desgraça, o abandonaram a sua própria sorte. Mas um pastor o encontrou nas montanhas e o levou até Corinto onde foi entregue ao rei Pólibo que o cria como filho. Dessa forma, ao fugir, Édipo não poderia imaginar que fugia de seus pais adotivos e estava indo de encontro concretizar inconscientemente seu real destino.

No caminho de sua jornada de fuga acaba por concretizar parte da profecia. O seu pai Laio e seu servo são assassinados por Édipo, devido um conflito que aconteceu entre ambos, porém para ele era alguém desconhecido. Em meio a toda essa peregrinação, ele acaba chegando à cidade de Tebas, onde se abatia uma cruel esfinge que maltratava seus habitantes. Édipo em um ato de esperteza acaba decifrando o enigma que salva a cidade, tornando-se assim rei e, por conseguinte, acaba desposando com a viúva do rei Laio, Jocasta, que era sua mãe biológica.

Cumpre-se assim seu destino. Os deuses indignados com os fatos acabam jogando sobre a população Tebana uma grande maldição; uma peste que assolava e destruía toda a cidade e cujo fim dependia do banimento daquele que matou o rei Laio, na qual mais tarde foi descoberto, através de Tirésias (um velho e cego sábio), que quem carregava essa triste sina era o próprio Édipo. Ao saber, em pleno ato de desespero fura seus próprios olhos ao mesmo tempo em que Jocasta suicidava-se. Em meio à total tragédia e após tudo se esclarecer, Édipo só tende a se lamentar pelo destino cruel que lhe fora reservado.

Dessa maneira, ao contrário do que boa parte da crítica aponta, o tema central da tragédia em pauta *Édipo-Rei* não seria a tríade amorosa que originária o “complexo de Édipo” formulado por Sigmund Freud no início do século XX, mas antes, uma profunda reflexão sobre os meandros do Destino na sociedade grega.

3 ÉDIPO – REI: ANÁLISE DOS FRAGMENTOS

Desde seu nascimento Édipo estava designado a realizar um grande infortúnio. Ele é um mortal destinado pela fatalidade e terrivelmente castigado pelo crime que foi obra do destino. Nietzsche (2007, p.61) enfatiza que:

A mais dolorosa figura do palco grego, o desventurado ÉDIPO, foi concebida por Sófocles como a criatura nobre que, apesar de sua sabedoria, está destinada ao erro e à miséria [...].

Nesse sentido, o destino trágico de Édipo se cumpre e seu ato terrível de tentar evitá-lo mediante revelação do oráculo, que lhe revela algo angustiante, faz do herói tebano utilizar-se de todas suas forças para lutar contra o destino atribuído a ele pelos deuses. Como podemos ver na fala do próprio Édipo no fragmento abaixo:

ÉDIPO: [...] Apolo declarou-me outrora que eu haveria de entrar no leito de minha mãe e derramar com minhas mãos o sangue de meu pai. Por isso há muito me afastei de Corinto – para minha felicidade, certamente, embora seja doce ver os olhos dos pais [...] eu não queria ser parricida (SÓFOCLES, p.70)

A consulta ao oráculo se transforma de salvadora a devastadora, tratando-se não de uma advertência ao que poderia acontecer, mas um conhecimento prévio do que irá acontecer, fazendo disso a causa dos acontecimentos trágicos que o destino lhe reservou: um parricídio e um incesto.

Baseado nisso, no início do século XX, o psicanalista Sigmund Freud demonstra interesse pela peça e propôs uma interpretação que mudou o destino de mulheres e homens. O personagem Édipo foi o eixo fundamental da psicanálise, na qual seu trágico destino revelado pelo oráculo, após sua releitura, tornou-se a mais conhecida das tragédias gregas e foi o ponto de partida para o desenvolvimento do conceito “Complexo de Édipo”, que organiza o conjunto de desejos amorosos e hostil que a criança sente em relação aos pais, como também se basear e encontrar na interpretação dos sonhos esses desejos do inconsciente. Sobre isso, Freud (2001, p. 235) aponta:

Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos repugnantes à moral, que nos foram impostos pela natureza [...] Hoje, como outrora,

muitos homens sonham ter relações sexuais com suas mães e mencionam esse fato com indignação e assombro. Essa é claramente a chave da tragédia e o complemento do sonho de o pai do sonhador estar morto. A história de Édipo é a reação da imaginação a esse dois sonhos típicos. E, assim como esses sonhos, quando produzidos por adultos, acompanhados por sentimentos de repulsa, é preciso que a lenda traga o terror e a autopunição no seu próprio conteúdo.

Corroborando esse conceito, Quinet (2015, p. 15) vai nos dizer que:

O efeito trágico provocado pela peça não se dá pelo fato de colocar em cena a contradição entre o desígnio dos deuses e a vã resistência dos humanos, mas pelo fato de o destino de Édipo ecoar em cada um dos espectadores, por nele reconhecerem seus desejos criminosos: o parricídio e o incesto com a mãe. Freud os encontra ao interpretar seus sonhos e os de seus pacientes contidos no seu inconsciente.

Pode-se observar sobre isso na passagem em que Édipo temeroso com a ideia de deitar no leito de sua mãe, em sua própria fala Jocasta lhe diz:

ÉDIPO – Como não temer o leito de minha mãe?

JOCASTA – O que teria a temer um mortal, joguete do destino [...] Não temas o himeneu com sua mãe: muitos mortais já partilharam em sonho o leito materno. (SÓFOCLES, p. 69)

Segundo Vernant (2002) o parricídio e o incesto nesse caso não correspondem nem ao caráter de Édipo, nem a uma falta moral que ele teria cometido. Se ele mata seu pai e dorme com sua mãe, não é porque obscuramente ele odeie o seu pai e esteja apaixonado pela mãe, pois quando ele mata o rei Laio é em situação de legítima defesa contra um estrangeiro que o atingiu primeiro e quando desposa Jocasta foi uma recompensa de seu feito na cidade de Tebas, sem que ele nada soubesse.

É possível acreditar que o destino, proferido pelo oráculo simbolize o inconsciente, que seria uma força de impulso que vem do fundo do pensamento do sujeito, como algo que escapa a ele e do qual não se tem controle. Portanto, Édipo é a própria representação do saber inconsciente do qual o sujeito não quer

conscientemente saber. No entanto, o enfoque da nossa análise se restringirá a temática do “Destino” dentro do texto *Édipo-Rei*.

Sófocles nos mostra na sua tragédia como Édipo é capaz de tudo para fugir de seu destino. Em nome disso, ele é capaz de deixar toda a vida que possuía; é capaz de enfrentar a Esfinge e o Destino e até mesmo enfrentar todos os homens que se colocassem a sua frente, até que no fim, precisava enfrentar a si mesmo. Sua narrativa se inicia logo após o parricídio e incesto cometido pelo herói tebano. Para Knox (2002, p.58):

A questão central do drama não é o parricídio ou o incesto, mas sim a averiguação levada a cabo por Édipo a fim de descobrir o assassino de Laio e, num segundo momento, a sua própria identidade.

A investigação sobre o assassino do rei Laio domina o lugar central da tragédia, e se desdobra a partir do momento que uma peste devasta a cidade de Tebas. Pelo ato heróico de ter decifrado o enigma, Édipo é procurado por seus súditos que lhe pedem socorro novamente

ÉDIPO – Filhos, jovem linhagem de nosso velho Cadmo, que fazeis aí de joelhos, piedosamente ornados de ramos suplicantes? Por toda a cidade há nuvens de lamentos. [...] Vamos, ancião, explica-te! És a pessoa indicada para falar em nome deles. A que se deve vossa inquietude? [...].

O SACERDOTE – Pois bem, falarei. [...] Tu o vês como nós: Tebas, sacudida na tormenta, não consegue mais manter a cabeça acima da onda mortífera. [...] a Peste, se abateu sobre nós, fustigando nossa cidade [...]. Nada tinhas ouvido da boca de nenhum de nós, não havia recebido nenhuma instrução: foi pela ajuda de um deus – todos dizem, todos pensam assim – que soubeste livrar nossa cidade da Esfinge que nos torturava. Descobre para nós um socorro. Que a voz de um deus te inspire ou que um mortal te instrua [...]. (SÓFOCLES, p. 5 – 6 – 7)

Podemos observar que há uma questão de “dualidade” em relação ao personagem Édipo que Sófocles vai nos apresentar como herói e vilão; herói no momento que chega a cidade, que se encontrava em caos e a livra da maléfica esfinge e vilão, pois trazia consigo a desgraça no momento em que praticou esse ato imprudente, carregando sobre si o peso de toda a desgraça que tomara conta de

seus cidadãos. Porém, Édipo estava sendo vítima da ação do destino e, por conseguinte, praticou tais atos inconscientemente.

Se tratando das ações do destino, é possível perceber que na verdade o ser amaldiçoado foi seu pai, Laio, pois era ele quem carregava a triste sina de ser morto pelo seu filho, de tal modo que ao tentar fugir deste terrível destino o abandona ao nascer. Assim, Édipo representa a maldição de seu pai e devido ao fato de ser seu assassino e de praticar a ação incestuosa inconscientemente, torna-se automaticamente amaldiçoado pelos deuses, em consequência disso, tudo a sua volta tornou-se maldito.

Desse modo, seu destino é relacionado à da maldição familiar sendo prescrito através das forças divinas que se manifesta nas cenas em forma de oráculos e no decorrer das ações ele fala três vezes: o primeiro é citado por Jocasta, quando revela a Édipo o motivo qual Laio abandonou o filho para a morte:

JOCASTA – [...] Outrora um oráculo chegou a Laio, não de Apolo, mas de seus sacerdotes. O destino que o esperava era morrer pela mão de um filho que nasceria dele e de mim. [...] três dias após ter nascido à criança, Laio prendeu seus tornozelos e mandou abandoná-la num monte deserto. [...] E era esse destino que as vozes proféticas nos comunicavam! (SÓFOCLES, p. 52 – 53)

Da segunda vez, corresponde à consulta de Édipo ao oráculo délfico, quando em um banquete, no momento de embriaguez um homem lhe chamou de “filho suposto”, Édipo parte para Delfos em busca do oráculo para obter respostas.

ÉDIPO: [...] Meu pai é Pólipo – Pólipo de Corinto. Mérope, minha mãe, é uma dória. Eu desfrutava o maior prestígio, entre os cidadãos daquela cidade, quando ocorreu um incidente, que merecia minha surpresa [...] Durante um banquete, no momento de vinho, na embriaguez, um homem chamou - me “filho suposto”. A expressão me incomodou [...] então, sem avisar meu pai nem minha mãe, parto para Delfos; lá chegando, Apolo manda-me embora sem sequer dignar-se responder àquilo pelo qual eu viera, mas não sem antes predizer ao infortunado que eu tinha o mais horrível, o mais lamentável destino: eu entraria no leito de minha mãe, e faria o mundo ver uma raça monstruosa, seria o assassino do pai que eu nascera! Após ouvir isso, deixo Corinto e seu território para sempre, intempestivamente, fujo para lugares onde não pudesse ver se

realizarem as ignomínias que o terrível oráculo me predizia.
(SÓFOCLES, p.56 – 57 – 58)

Enquanto Laio fugia de seu assassino, Édipo buscava fugir de se tornar ele mesmo o parricida, com o presságio do qual ele foge e se vê obrigado a agir porque precisava evitar sua própria ação e escapar de tal destino, partindo de Corinto e seguindo para Tebas, aonde vem a cumpri-lo justamente nessa fuga.

O último oráculo proferido a Creonte por ordem de Édipo que incumbira seu cunhado a consultá-lo esclarece o motivo da peste que assola a cidade e revela que seu fim dependia do banimento de Tebas aquele que matou o rei Laio.

CREONTE – [...] eis a resposta que me foi dada em nome do deus. O grande Apolo nos dá a ordem expressa “de limpar a imundice que corrompe este país, e não deixá-la crescer até que se torne inextirpável”. [...] Expulsando os culpados, ou fazendo – os pagar assassínio por assassínio, pois é esse sangue que perturba nossa cidade.

ÉDIPO – Mas qual é o homem de cuja morte fala o oráculo?

CREONTE – Este país teve outrora por chefe Laio, antes de tu mesmo passares a governar nossa cidade. [...] Ele foi morto, e o deus hoje nos prescreve claramente vingá-lo e punir seus assassinos. (SÓFOCLES, p. 11)

Deste modo, para tranquilizar os habitantes Tebanos, Édipo, inconscientemente, diz que lutará para encontrar tal assassino, para vingar Laio como se tivesse sido seu pai e empregará todos meios para que se descubra o autor do crime, é onde recorrem socorro ao sábio Tirésias, pois segundo Vernant (2002, p.48):

[...] se a cidade se dirige ao sábio quando se sente entre a desordem e à impureza, pedindo a solução de seus males é porque lhe parece um ser divino que todo seu feitio de vida o coloca à margem da comunidade.

Isto se encontra bastante explícito na fala de Édipo, no momento em que Tirésias entra ao palácio.

ÉDIPO – Tirésias, tu que percebes tudo, tanto o que se ensina quanto o que permanece interdito aos lábios humanos, o tanto que há no céu quanto o que há na terra, sabes, mesmo sendo cego, do flagelo que assola Tebas. Cremos que somente tu, senhor, poderás nos proteger e nos salvar [...]. (SÓFOCLES, p. 24)

Observamos que Édipo mesmo sendo o rei e estando em nível superior aos demais, quando seu povo clama por socorro, o mesmo saiu do alto de seu trono à procura de ajuda de Tirésias que era um velho sábio cego, que carregava a triste sina de seu destino. Porém, tudo muda quando o adivinho não queria revelar o que sabia da profecia, mas, se vê obrigado e constrangido por Édipo, contra sua vontade, a revelar a dura realidade dos fatos e dizer ser ele o ímpio que está manchando a cidade.

TIRÉSIAS – Não quero afligir nem a ti nem a mim. Por que me forçar inutilmente desse modo? De mim, nada saberás. [...] Se quiseres, deixa teu despeito mostrar seu furor mais feroz.

EDIPO – No furor que me encontro nada ocultarei do que entrevejo. Saibas, portanto que, para mim, foste tu que tramaste o crime, foste tu que o cometeste [...]

TIRÉSIAS – [...] pois fica assim sabendo que és tu, és tu o criminoso que mancha esse país! [...] Eu te digo sem receio: o homem que procuras há algum tempo, com todas essas ameaças, essas proclamações sobre o Laio assassinado, esse homem está aqui mesmo. Acreditam ser um estrangeiro, um estrangeiro estabelecido neste país: ele se revelará um tebano autêntico – e esse fato não lhe causará alegria. Ele via: desse dia em diante será cego; ele era rico: mendigará. E, tateando o caminho à sua frente com o bastão, irá para uma terra em exílio. (SÓFOCLES, p. 26 - 27 – 34 – 35)

Após mandar o adivinho embora, Édipo pensa se tratar tudo de um plano de seu cunhado Creonte para tirar-lhe o trono é quando sua esposa chega e ao saber da história começa a atacar e duvidar de Tirésias, desdenhando assim de suas profecias.

JOCASTA – Absolve – te do crime que ele fala e escuta – me. Verás que jamais criatura humana possuiu a arte de predizer. [...] posto que Laio devia, segundo Apolo, perecer pela mão de meu filho, e não pode ter sido desditoso filho que lhe causou a morte, já que ele próprio morreu primeiro. [...] era esse o destino que vozes proféticas comunicavam! Portanto, não dê importâncias a essas vozes. As coisas que um deus quer consumir ele próprio saberá revelá-las. (SÓFOCLES, p. 52 – 53 – 60)

Porém, ao final, o resultado da investigação sobre o assassino resulta na descoberta, por Édipo, de sua própria identidade e a força do destino neste momento se sobrepõe e se cumpre.

ÉDIPO – Oh! Ai de mim! Então no final tudo seria verdade! Ah! Luz do dia, que eu te veja aqui pela última vez, já que hoje me revelo o filho de quem não devia nascer o esposo de quem não devia ser o assassino de quem não devia matar! [...] Ai de mim, infeliz que sou! Para onde me levam meus passos? Para onde voa minha voz, perdendo – se no ar? Meu destino, onde foste te precipitar? (SÓFOCLES, p.86 – 93)

Édipo neste momento parece aceitar e crer não ser mais possível enganar ou tentar fugir da profecia sobre seu destino, pois tudo que estava ao seu alcance já tinha sido feito. É onde se manifesta em cena o mais terrível dos fatos, ao encontrar Jocasta enforcada em seu quarto, e ver que ele o menino que outrora condenado à morte, para que não matasse o pai, foi por piedade salvo e cometera todos os horrores temidos por seus pais, arranca os colchetes de ouro que ornava as vestes de Jocasta e vaza os olhos, concretizando assim, em cena trágica a expressão do cumprimento do destino revelado.

Assim eles não mais verão o mal que sofri, nem o que causei; assim as trevas doravante os impedirão de ver aqueles que eu não deveria ter visto, e de ignorar aqueles que, apesar de tudo, eu gostaria de ter conhecido. (SÓFOCLES, p. 91)

A imagem do ser derrotado é exposta aos habitantes de Tebas, conforme vemos na última fala do Corifeu com a qual o autor Sófocles conclui sua celebre tragédia.

O CORIFEU – [...] Vede Édipo, esse decifrador de enigmas famosos que se tornou o primeiro dos humanos. Ninguém em sua cidade podia contemplar seu destino sem inveja. Hoje, em que terrível mar de miséria ele se precipitou! É, portanto esse último dia que um mortal deve sempre considerar. Guardemo-nos de chamar um homem feliz, antes que ele tenha transposto o termo de sua vida sem ter conhecido a tristeza. (SÓFOCLES, p. 105 - 106)

Édipo sempre carregou o sentimento de angústia e medo consigo, pois desde pequeno, ao ser abandonado nas montanhas, sofria os efeitos do vaticínio. Porém, isso se faz necessário para que o processo trágico se desenvolvesse, mas, suas ações e seu caráter o aproximaram cada vez mais daquilo que buscava fugir, e ele se torna o responsável pela ascensão e declínio de seu destino. Destino esse que cumpriu toda a profecia que estava prevista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, discutimos sobre a questão do “Destino”, identificando-o como um fenômeno cultural grego, que permeou nos textos trágicos e se inseriu nas mais diversas culturas e crenças do pensamento ocidental e como esse traço refletiu na atualidade. Passamos por vários conceitos e teorias a respeito do que ele viria a ser, até que vemos que ninguém pode comprovar, por não ser algo concreto, e que além de tudo seu significado foi sendo modificado no decorrer dos séculos.

Foi discorrido sobre a importância das tragédias gregas na cultura ocidental, onde percebemos que nossa cultura é repleta de referências a história e literatura da Grécia antiga. Como também, vimos como a questão do Destino agiu na tragédia *Édipo-Rei* de Sófocles, realçando os traços distintivos do personagem, notando que a questão do Destino era muito forte e presente na sociedade grega e independentemente da ação humana, ela iria prevalecer e se cumprir, como aconteceu com o protagonista dessa celebre peça trágica.

Na atualidade, sabemos que o destino existe como direção, meta ou ponto de chegada para onde nos dirigimos e concluímos que ele faz parte do sistema de representações de uma sociedade, na qual cada ser humano possui sua percepção sobre a existência ou não de um destino na sua vida sendo algo em que alguns acreditam e outros não. Devido a isto é que existem inúmeras explicações, teorias e mitos para este tema, que se modifica através dos tempos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A poética clássica**. Introd. Roberto de Oliveira Brandão. Trad. Jaime Bruna. 7. Ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BORGES, João do Nascimento. **O legado cultural grego**. Amapá: Unifab, 2011.

CATECISMO da igreja católica. 5ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

CANDIDO, Antonio. GOMES, Paulo Emílio Salles. PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

COMMELIN, P. **Mitologia Grega e Romana**. Trad: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 5ª Ed, 2001.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos Sonhos**. Tradução de Waldere Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FINLEY, Moses. **Os gregos antigos**. Trad: Artur Morão. Edições 70, 1963.

HAUSER, Arnold. **História Social da Arte e da Literatura**. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d, 2003.

JAEGER, Werner. **O homem trágico de Sófocles**. In: Paidéia: a formação do homem grego. Trad: Arthur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KNOX, Bernard. **Édipo em Tebas**. São Paulo. Perspectiva: 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: 4ª ED, Editora Atlas, 2002.

NIEZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo**. Trad: Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

QUINET, Antonio. **Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1ª Ed, 2015.

ROCHA, Ruth. **Almanaque Ruth Rocha**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SAMPAIO, Giuseppe Mallman. **O homem grego e o livre arbítrio**. São Paulo: Contexto, 2006.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2002.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Trad. Pedro Sússekind Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VERNANT, Jean – Pierre e VIDAL – NAQUED, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2002.